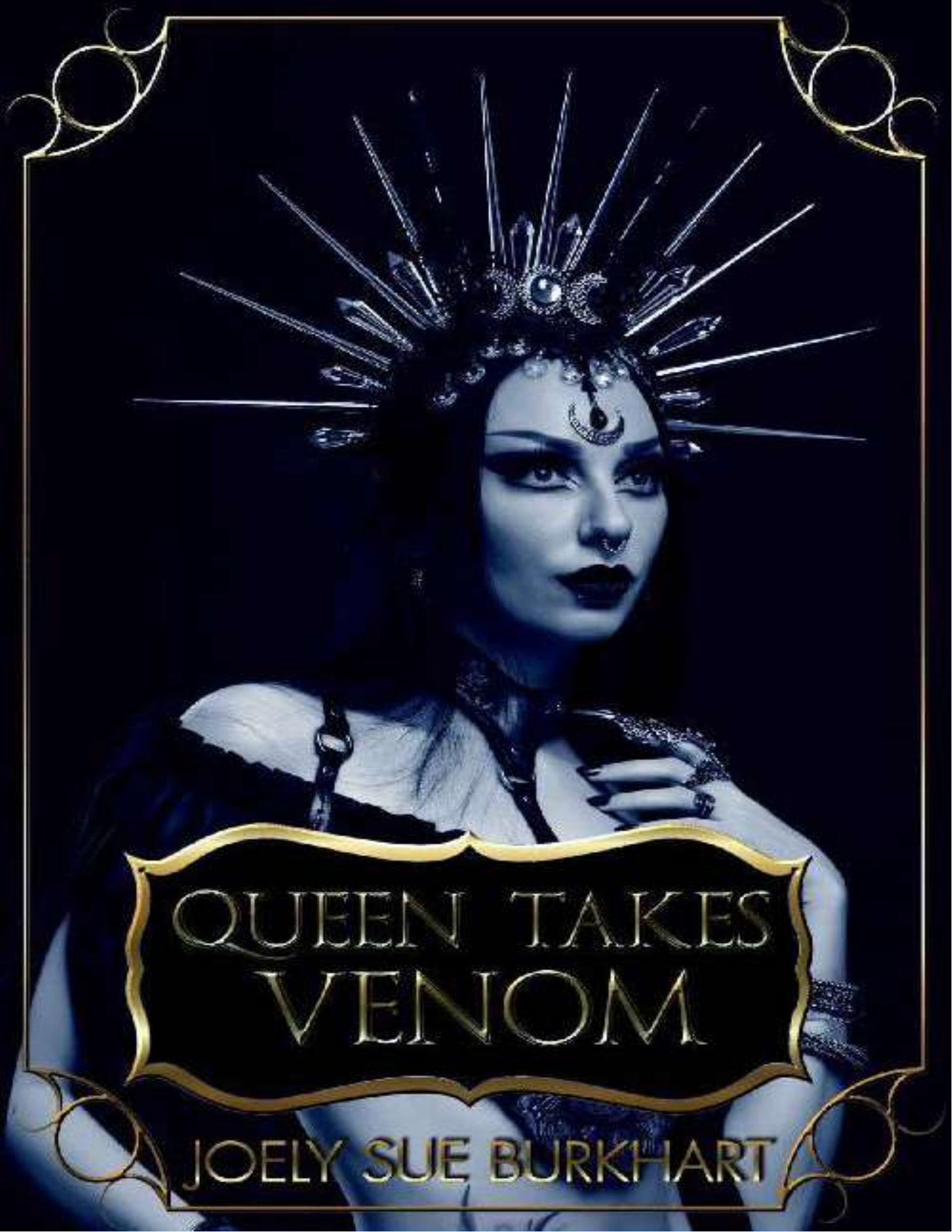

QUEEN TAKES
VENOM
JOELY SUE BURKHART



LUXURY

TRADUÇÕES

2020

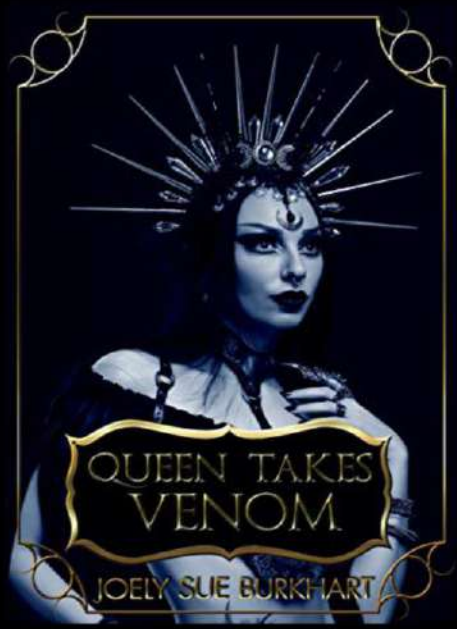
Their Vampire Queen
Joely Sue Burkhart

Ordem de Leitura
Distribuídos





Lançamento





Queen Takes Venom

A Their Vampire Queen Story

Joely Sue Burkhart

Para vocês, meus amados leitores.

Obrigada por sua paciência no ano passado enquanto eu tive uma grande reviravolta na vida.

Vocês todos me mantêm indo quando a estrada está escura.

SINOPSE

Uma deusa negra se levanta ...

"Todas as coisas sombrias e mortais, todas as criaturas mortais e mágicas, todos os monstros venenosos e com presas, a Mãe do Veneno os chama de todos."

Após milhares de anos, a deusa Hekate desperta para atender ao chamado de uma deusa-irmã. A Grande Mãe precisa da linhagem única de Hekate.

Então a deusa do veneno concorda em criar um herdeiro. Uma rainha poderosa e mortal, a beladona mais venenosa, tão bela que mata com um olhar.

Mas primeiro, Hekate deve se levantar e chamar seu próprio Sangue para seu lado.

Aviso de gatilho

Essa história inclui cobras, escorpiões e algumas aranhas.
Mas muitas cobras!

01
HEKATE

Depois de dormir por milênios, acordar foi um processo gradual. A escuridão profunda do sono sem fim se transformou lentamente na escuridão dos sonhos.

Uma voz sussurrou: "*Acorde, irmã. Você é muito necessária.*"

Reconheci sua voz como familiar, embora não conseguisse lembrar seu nome. Eu não sabia o meu. Só que ela também era velha como o tempo.

O poder ancestral permeou suas palavras, mexendo com algo dentro de mim. Não exatamente memórias, mas conhecimento.

A escuridão sempre foi meu domínio. Os grandes mistérios do universo fluíram através de mim. A Mãe Terra envolveu-me em seus braços amorosos enquanto eu dormia, e o mundo acima mudou tanto do que eu conhecia que agora poderia ser um plano alternativo de existência. Não era um mundo que eu conhecia mais. Eu me cansei da humanidade há muito tempo e caí em um sono que nunca tinha fim. Ninguém havia perturbado aquele sono por milhares de anos. Os humanos há muito esqueceram minha existência.

Não. Isso não era totalmente verdade.

Ainda havia alguns que se lembravam de mim. Suave como a seda de uma aranha, suas orações sussurraram através da

rocha espessa e da terra para me alcançar. Pedidos de ajuda. Ofertas pelos meus presentes. Alguns ainda acreditavam. Mas meu interesse por atividades terrenas havia acabado há muito tempo, quando minha linhagem morreu. Eu não tinha herdeiros para continuar minha linhagem, ou ser mãe das criaturas que surgiram da minha magia.

"Você poderia dar à luz um novo herdeiro."

Suspirei e a terra se moveu ao meu redor, um estrondo profundo vindo das profundezas da rocha que formou as fundações do mundo. Eu poderia. Sim. Mas por quê? Era muita dor de cabeça ver seus filhos sofrerem neste mundo dos homens. Mesmo milhares de anos atrás, eles não tinham mais lugar para nossa espécie. A magia quase morreu.

"Todas as coisas sombrias e mortais, todas as criaturas mortais e mágicas, todos os monstros venenosos e com presas, a Mãe do Veneno os chama todos."

Cada palavra soou dentro de mim, do martelo ao ferro brilhante na forja, lembrando-me do meu propósito. Meus filhos já foram armas formidáveis no arsenal da Grande Mãe. Se Gaia precisasse de Rainhas venenosas nesta terra nesta era...

Então eu certamente devo agradar.

Depois de ficar deitada como morta por tanto tempo, eu não tinha força física para regenerar um corpo. Eu precisaria de ajuda para me restaurar à minha antiga glória, especialmente se eu fosse criar uma herdeira. Uma criança para Gaia. Rainha. Ela seria poderosa e mortal, a erva-moura mais

venenosa, tão bela que mataria com um olhar. Todos os meus presentes. Toda minha magia. Todos os meus filhos. Eles seriam seus para comandar.

"*Venha.*" Enviei o chamado silencioso como uma onda ondulante suave através de camadas de terra e pedra, árvore e cimento, camadas naturais e artificiais. Mesmo as maiores cidades não conseguiram manter meus filhos fora. Eles escorregavam, rastejavam e matavam, exatamente como eu pretendia. Como Gaia pretendia.

Eu era morte e destruição. Para que a vida fosse reconstruída da decadência.

Tempo passou. Quanto tempo, eu não sabia. Outro século foi apenas o piscar dos olhos da mãe. Eu estava nas entranhas da terra. Demorou para minhas menores criaturas me alcançarem, cavando na escuridão. Mas eles atenderam a meu chamado.

Cobras rastejantes enrolaram-se em meus ossos fossilizados. Escorpiões cobriram meu exterior. A melhor armadura que uma Deusa poderia ter.

Cobras. Víboras da morte. Mambas. Amarrados juntos em carne, seu veneno pulsando como sangue. Minha vontade concentrou suas formas individuais em meu corpo físico. Minha magia os fundiu em um. Um espírito. Um coração batendo, bombeando veneno pelo meu corpo regenerado. A primeira etapa do meu retorno foi concluída. A mais fácil, de longe.

Meus filhos ainda caíram pela terra, cavando pedras e solo para formar um caminho para a superfície para que eu voltasse aos vivos. Mas eu precisaria de um lugar seguro para minha herdeira. Uma fortaleza do palácio para a qual ela sempre poderia se retirar do mundo dos homens e deuses e Deusas ciumentos que poderiam prejudicá-la. Eu tinha sofrido muitas mortes das filhas de minhas filhas para ser complacente. Gaia pode precisar dela, mas eu não poderia suportar assistir mais uma Rainha de minha linhagem morrer em vão.

Eu precisava de sustento para fazer tal mágica. Quanto mais ficava acordada e ciente, mais sentia o fosso da necessidade crescendo dentro de mim. Fome. O tipo de fome que devastaria terras inteiras, derrubaria muralhas de cidades e se banharia no sangue de milhares. Sangue e sexo eram minhas formas preferidas de me alimentar, mas até que algumas de minhas criaturas maiores chegassem, eu poderia me alimentar de veneno.

Víboras se enrolaram em torno de meus braços e pernas recém-formados. Veneno suficiente para matar milhares de humanos. Ou construir a casa da minha herdeira.

“Mordam,” eu murmurei, experimentando minha nova voz.

Centenas de presas afundaram em minha nova carne. Uma agonia requintada enquanto o veneno bombeava dentro de mim. A magia explodiu, o poder pulsando como se o sol tivesse explodido. Eu abri minha boca e gritei de dor e alegria. O leito rochoso se transformou em paredes impenetráveis que brilhavam com o veneno cristalizado. Um lugar escuro, um retiro, mas também queria que fosse lindo. Vinhas luminescentes subiam pelas paredes cintilantes. Escuridão

completa iluminada em tons de violeta profundo e azul meia-noite. Tapetes de musgo e delicadas flores da lua suavizavam o chão de pedra.

“Mãe.” Uma voz suave ecoou no salão cavernoso que eu havia feito. “Hekate.”

A parte final de mim mesma se encaixou dentro de mim. Deusa da magia, mãe das trevas. Hekate Titanes. Nada poderia me segurar, mesmo os portões do submundo. Eu havia atravessado a terra dos mortos para ajudar Deméter a encontrar sua filha, e os corredores das trevas e da morte se tornaram um segundo lar para mim.

Espectros fracos surgiram do submundo em resposta ao meu chamado, embora eu tivesse esquecido que os lampades poderiam responder. Eles me vestiram com um manto esvoaçante de seda de teia de aranha e começaram a deixar minha nova fortaleza mais confortável. Almofadas e tapetes feitos de peles macias de criaturas que não andavam pela terra desde o primeiro imperador romano. Taças e travessas reluzentes forjadas nas cavernas mais profundas até que minha mesa de pedra ficasse repleta de frutas deliciosas, vinhos e carnes tenras. Sim, eu estava com fome, mas não pelas romãs que eles ofereciam.

Me movi mais fundo em meu palácio, maravilhada com o que o veneno de minhas criaturas tinha causado. As paredes cintilavam como diamantes negros misturados com veneno. Um toque casual e o humano desavisado certamente morreria em segundos. Tanto veneno… eu suspeitaria que até o próprio grande senhor da morte hesitaria em transmutar tanto veneno, com medo de que ele pudesse se drenar por mil anos ou mais.

Não que eu tivesse problemas com Hades. Tínhamos um acordo. Contanto que ele tivesse sua preciosa Perséfone pelo menos metade do ano...

De repente, insegura, eu hesitei. Quantos deuses e Deusas ainda estavam cientes e respirando? Ou eles tinham sucumbido ao sono há muito tempo, como eu fiz?

Quando decidi dormir nos braços da Mãe, poucos de meus parentes ainda andavam na terra. Nosso tempo de renome e respeito entre os povos do mundo havia terminado há muito tempo, e alguns dos antigos se adaptaram melhor aos séculos em mudança do que outros.

A voz que me acordou. Ela que foi, é e sempre será. Ísis, a mãe egípcia, sempre se interessou mais pelas várias linhagens e Tribunais que nossos filhos estabeleceram no mundo dos homens. Ela já teve muitas filhas de sua linhagem, mas o sangue antigo desapareceu. A magia morreu. Embora não me surpreendesse nem um pouco que a linhagem de Ísis ainda pudesse andar nesta terra. Suas Rainhas sempre foram mais fortes do que a maioria.

Quem mais ainda respirava para fazer sua mágica? Muito poucos, mesmo na minha época.

Recuei para o canto mais escuro da caverna e deitei-me entre as almofadas e peles que as lâmpadas trouxeram das profundezas do inferno. Meus filhos do veneno imediatamente me cobriram, atraídos pela minha fome. Veneno gotejava de suas presas e farpas, lançando uma luz verde em minha pele. Mergulhei em cada gota, aumentando meu poder, mas precisava de muito mais.

Coleções de flores brilhantes pairavam ao meu redor, mas eu ansiava pelo céu da meia-noite. Irmã lua, brilhando prata e pura no céu. Eu podia sentir a pulsação da luz da lua através de camada sobre camada de pedra e solo, puxando-me como uma maré incessante.

Não ainda, lembrei a mim mesma. *Em breve, vou recuperar a noite e trançar minha magia com o poder da lua. Assim que estiver mais forte.*

Fechando os olhos, caí em um sono inquieto. A fome queimava em mim. Este novo corpo queria o calor de outro pressionado contra ela. Muitos outros.

Já faz muito tempo.

02
QUINTUS

Apenas um punhado de colunas altas e pedras desordenadas permaneceram do templo antes conhecido como o Santuário dos Grandes Deuses. Pedra branca brilhava sob a lua crescente. Samothraki pode ser uma pequena ilha no Mar Egeu, mas montanhas negras proibitivas pairavam sobre as ruínas, oferecendo proteção contra o mar selvagem.

Não sei dizer por que voltei a esta ilha centenas de vezes ao longo dos séculos. Este lugar chamava algo em meu sangue. Sempre pensei que minha Rainha devia ter caminhado uma vez por esses terrenos sagrados, mas ela se perdeu há muito tempo. Muito antes dela ser capaz de me chamar para seu lado.

O império Romano. Eu já havia caminhado pela Europa dezenas de vezes. Às vezes, um soldado, um estudioso, até mesmo um bardo. Às vezes, conseguia evitar Samothraki por anos, esquecendo o que poderia ter sido. Entorpecendo a ferida oca dentro de mim.

Nunca servi a uma Rainha. Eu nunca faria isso. Eu havia renunciado ao meu destino há muito tempo. Eu vi os jovens Aima se levantar e servir às últimas Rainhas preciosas de nossa espécie. Muitos caíram. Muitos mais se levantaram para ocupar seus lugares.

Mas eu não. Meu lugar era aqui. Uma ruína há muito esquecida que não tinha mais significado ou relevância, como eu. Antes, eu certamente estava amargo e com raiva. Por que

eu? Por que devo viver tanto tempo, se nunca devo servir? Nunca me entregar a ninguém? Eu lutei nas cruzadas, esperando encontrar um fim glorioso, apenas para sair ileso de todos os campos de batalha. Por alguma razão, eu não conseguia morrer.

Mesmo a Grande Mãe não me queria. Ainda não, pelo menos.

Para que serviria um velho e miserável Aima sem Rainha como eu? Eu ainda não sabia, mas havia me resignado a essa vida sem fim há muito tempo.

Ironicamente, tornei-me mais forte a cada ano que vivi e respirei nesta terra. Talvez eu tenha herdado a força de todos os outros Aima não sangrentos de minha linhagem. Ou, mais provavelmente, nós, Aima, simplesmente ficamos mais fortes quanto mais perto estávamos de retornar à Mãe. Nesse caso, minha hora deve estar próxima. Deusa, eu esperava que sim.

Por favor, mãe, traga-me para casa, para Seu abraço amoroso.

Mesmo as ruínas do templo não eram imunes ao passar do tempo. Mais pedras antigas se desintegraram cada vez que visitei. Este ano, até mesmo parte da montanha havia caído, revelando um buraco escuro.

Um buraco cheio de cobras, escorpiões e aranhas, como se um ninho gigante tivesse explodido no pátio.

Encarei a nova caverna por um momento antes de perceber o que me incomodava. Eles não estavam rastejando para fora.

Eles estavam entrando. Um fluxo constante de criaturas passou por mim. Deslizando e rastejando sobre minhas botas. Ignorando-me completamente, como se eu fosse apenas um obstáculo, em vez de uma ameaça que poderia transformá-los em uma mancha de sangue

Em todos os meus anos intermináveis, nunca tinha visto nada parecido. A maré rastejante e deslizante me puxou para mais perto da fenda escura na encosta rochosa. Algo dentro de mim se mexeu. Algo que permaneceu em silêncio em todos os Tribunais. Diante de cada Rainha. Em cada ninho. Depois de milhares de anos de espera ...

Eu ouvi a chamada.

03
QUINTUS

Correndo pelo túnel áspero, arrastei minha camisa pela cabeça e a joguei de lado. Parei o tempo suficiente para tirar minhas botas e minhas calças. Uma cobra caiu nas minhas costas enquanto eu estava curvado, tão desesperada quanto eu.

Ela chamou. Devemos responder.

Não parei para pensar sobre que tipo de Rainha poderia chamar de cobras, tarântulas e escorpiões. Eu não me importava, porra. Eu não me importava se ela se transformasse em uma viúva negra gigante ou cuspisse veneno de cobra. Eu a serviria. De todo o coração.

Meu coração batia tão forte que minhas costelas rangeram e doeram, mal conseguindo conter suas batidas frenéticas. Eu me jogaria do topo da montanha para alcançá-la. Algumas cobras não me afastariam dela.

À medida que fui mais fundo na caverna, as criaturas deslizantes ficaram mais grossas, avançando lentamente pelas minhas pernas. As paredes de pedra se contorceram, cobertas tão densamente que roçaram minha cabeça e ombros quando passei. Pernas ásperas e escamas arranharam minha pele nua. Não pude evitar pisar em alguns deles, embora não tenha tentado machucá-los. A maioria deles parecia deslizar para fora do meu caminho assim que me aproximava, com algum sexto sentido alertando sobre meus pés descendo.

Eu não conseguia imaginar a profundidade do túnel na terra. As cobras estavam maiores agora, algumas tão grossas quanto minha coxa. Serpentes alinhavam-se nas paredes e pendiam do teto, forçando-me a empurrar e abrir caminho com minhas próprias mãos. Empurrei grandes espirais e quase caí de cabeça em uma massa retorcida e contorcida. Talvez tenha sido um lago subterrâneo, mas a água foi substituída por uma massa viva e fervilhante. Escorpiões e aranhas do tamanho de cães. Cobras se contorcendo muito grandes e emaranhadas para encontrar suas cabeças.

Um grunhido chamou minha atenção para o lado oposto da caverna. Dois homens empurraram as cobras para ficar na beira do lago ondulante. Parados por um momento, eles olharam para mim por cima do abismo. Eu não os conhecia, mas eles deviam tê-la ouvido chamar também. Grandes filhos da puta, os dois. Gêmeos, pelo que parece. Nós medimos um ao outro por um longo momento. Músculos tensos. Tendões gritando de tensão.

Um de nós era seu alfa.

Eu pretendia que fosse eu.

Mergulhei de cabeça no lago se contorcendo uma fração de segundo antes deles. Algo me agarrou em enormes espirais, me arrastando mais fundo. Eu não lutei, mas foquei minha vontade em alcançar a Rainha, onde quer que ela estivesse. O que quer que ela fosse. Atirei meu coração e minha alma em direção a ela como uma flecha. A escuridão se fechou. Músculos escamosos trabalharam e flexionaram ao meu redor, como se eu tivesse sido engolido inteiro. As espirais se

contraíram, rachando as costelas. Não me importei. Eu não preciso respirar.

Eu só precisava sangrar para a Rainha me levar.

A maré alta de cobras de repente se separou, jogando-me em uma pilha caindo aos pedaços. Minha cabeça latejava com urgência. A chamada trovejou em meus ouvidos, ressoando em meu crânio. Cegamente, estendi a mão. Agarrei uma pedra e me puxei pelo chão. Mais perto dela. Minha perna esquerda arrastou atrás de mim, danificada em algum ponto. Não importa. Nada poderia me afastar dela. Eu não tinha vivido milhares de anos esperando pela chamada apenas para desistir porque meu quadril estava deslocado.

“Finalmente.” Suas palavras ressoaram dentro de mim como se alguém tivesse tocado um gongo de cristal puro. “Venham, meus amores, e vamos festejar.”

Estendi minha mão para me puxar para mais perto, e meus dedos encontraram carne. Seu tornozelo, pensei, mas sua pele não parecia muito boa. Fria e duro, embora o músculo se movesse sob meus dedos. Ela agarrou meu ombro e me puxou sem esforço para seu abraço. Suas presas na minha garganta. Tão profundo. Enormes. Gloriosas. Eu sangrei pela minha Rainha, meu coração bombeando ansiosamente sangue em minhas veias como uma fonte para o prazer dela.

Com uma chamada tão poderosa, ela puxaria muito mais Sangue para ela. Eu podia sentir suas cobras se contorcendo ao redor e sobre nós na escuridão. No emaranhado de membros e serpentes, eu não poderia dizer se os gêmeos que eu tinha visto do outro lado do abismo tinham se juntado a

nós. Em seus braços, isso não importava. Deixe mil Sangue responder ao seu chamado.

Eu fui o *primeiro*.



HEKATE

Quente, sangue fresco. Carne viva. Espírito brilhante queimando como uma chama incandescente.

Eu tinha esquecido o prazer que sentia na carne. O gosto de seu sangue... Indescritível. Quanto mais eu bebia, mais tinha sede. Eu o drenei até que ele fosse nada além de uma concha, seu corpo mais frio que o meu. Mas minha sede aumentou. Mais dois se aproximaram, ambos feridos na corrida para me alcançar através da maré de cobras e escorpiões que cercavam meu novo ninho. Coloquei o primeiro homem mais perto do meu coração, esperando que ele se alimentasse de mim para recuperar suas forças.

Em vez disso, ele ergueu a cabeça fracamente. “Você... não é uma... Rainha.”

Sorrindo, tracei um dedo pela curva suave de sua bochecha e sobre seus lábios carnudos. “Certamente não. Embora eu deseje gerar uma Rainha de minha linhagem esta noite. Se você estiver disposto.”

Seus olhos se arregalaram. Seu sangue aqueceu minha garganta e estômago, um aperitivo tentador para muito mais. Os outros dois homens pararam, suas calças macias ecoando pela câmara. O cheiro de seu sangue e o almíscar quente de seus corpos me fizeram estremecer de fome. Mesmo assim, hesitei. Nunca peguei o que não foi oferecido gratuitamente para mim. Certamente não começaria uma nova vida nesta terra abusando desses homens que atenderam ao meu chamado.

Havia outros no mundo. Mais longe. Homens inferiores, tanto em poder quanto em estatura. Esses escolhidos estavam próximos a mim por um motivo. Seus destinos gravados em meu coração antes mesmo de começar a bombear veneno mais uma vez. Portanto, a promessa infalível de Gaia sempre fluiu através do universo dela. Esperei uma eternidade dormindo. Se eles precisassem de tempo para considerar sua escolha...

“Deusa,” ele sussurrou, sua voz tremendo com reverência. “Não sou digno nem de saber o seu nome.”

Inclinando minha cabeça para o lado, desejei que minha nova carne cedesse e permitisse que minha magia gotejasse das inúmeras mordidas que meus filhos me deram. Seu sangue se fundiu com o veneno fluindo em minhas veias, criando uma mistura inebriante. “Meu nome é Hekate, mãe de todas as coisas venenosas e sombrias. Prove-me e liberte a criatura mortal que a Grande Mãe colocou dentro de você, que só será libertada com minha magia. Embora eu deva avisá-lo - o preço é alto. A transformação exigirá a sua morte.”

Sem hesitar, ele pressionou a boca no fluido nocivo escorrendo da minha pele. Ele soltou um gemido gutural, mas

não ergueu a boca. Ele bebeu, embora cada gole o matasse. Com seu sangue ainda persistente em minha boca, eu podia sentir a dor irradiando por seu corpo. Lâminas de barbear rasgando sua garganta e abdômen. O fogo queimava em suas veias, carbonizando seus órgãos. Derretendo seus ossos. Engrossando seu sangue em uma lama negra que seu coração lutando não conseguia mais bombear. Mesmo assim, ele bebeu. Até que seus músculos falharam e ele não conseguiu mais controlar seu corpo.

Acariciei suas costas, segurando-o através da agonia de morte brutais. Sua pele esfriou. As batidas frenéticas e desesperadas de seu coração gaguejaram e pararam. Pesado e mole, ele cedeu em meus braços, totalmente entregue a mim. Sua vida se rendeu. Para mim.

Embalando sua cabeça, inclinei-me e respirei em seu rosto. “Viva, meu amor. Levante-se e junte-se a mim para sempre.”

Sua pele ondulou. Meu veneno inchou dentro de seu corpo, mudando os ossos e esticando os músculos para acomodar uma nova forma. Ele se debateu contra mim, não na morte desta vez, mas uma dor necessária de transformação. Ossos racharam e remodelaram seu corpo de aparência humana em algo muito mais monstruosamente bonito. Seus braços se alongaram em ferozes pinças. Escamas pretas banharam seu exterior. Uma longa e poderosa cauda de escorpião se enrolou em suas costas, gotejando meu poderoso veneno. Sorrindo, toquei a ponta daquela cauda farpada e lambi o veneno do meu

dedo. “Que perfeito. A Mãe fez de você um gigantesco Escorpião Deathstalker[1].”

Os outros dois homens se aproximaram, as cabeças baixas em reverência. Mesmo eu tendo matado o primeiro homem que se aproximou de mim.

Eles não falaram.

Olhando em seus corações, percebi que eles não podiam. Eles responderam à minha chamada sem hesitação, mas temiam que eu os considerasse indignos. Que eu os deixaria mortos, em vez de levá-los à transformação.

No entanto, eles ainda se ofereceram a mim.

---

[1]  *O caçador da morte.*

04
Drazhan e Dalibor

Nós somos um. Sempre fomos um.

Temos uma mente, divididos em dois corpos.

Nunca inteiros e sempre separados.

A Casa Lada era famosa por ter gêmeos, mas geralmente um homem e uma Rainha. No entanto, mesmo nossa linhagem ancestral falhou em produzir uma Rainha da última vez que nossa mãe doente conseguiu conceber.

Um sinal claro para qualquer Aima que conhecesse as casas antigas de que nosso tempo nesta terra estava quase acabando. Talvez seja por isso que fomos formados mais como personalidades divididas do que como dois irmãos separados. Nós apenas nos alimentamos um do outro, tentando construir esse vínculo mais profundo em um esforço para unir nossas metades em um todo. Mas ainda éramos duas entidades separadas.

Nenhuma Rainha queria um par de Sangues quebrados que parecia não conseguir se comunicar com ninguém além de si mesmo. Não precisávamos de palavras entre nós, porque nossos pensamentos eram compartilhados.

Mas essa consciência compartilhada não conseguia descobrir como fazer as palavras saírem de um corpo ou de outro. As palavras ficaram presas dentro de nós.

Queríamos dizer: “Deusa, vivemos para servir”.

Queríamos implorar que ela nos aceitasse como ela havia levado seu alfa. Esperançosamente, em sua infinita sabedoria e poder, ela entenderia nosso desejo tácito de dar a ela tudo o que ela desejasse. Mesmo que isso nos destruísse. Porque não podíamos suportar a ideia de ela se alimentar de apenas um de nós.

Fazíamos tudo juntos. Nós tínhamos. Não fomos feitos para ser entidades separadas. Algo rolou e se despedaçou dentro de nós, abrindo caminho por nossos corpos. Desesperado para estar completo e conectado, mas terrivelmente com medo de morrer incompleto.

“Compreendo.” Sua voz rolou sobre nós, um bálsamo calmante que acalmou a besta que rolava e lutava. “Venha para mim e eu o farei completo.”

Não questionamos como. Ela era a Deusa, um passo à frente da Mãe. Se alguém pudesse nos reunir, seria ela.

Com os olhos fechados com força, nos ajoelhamos diante dela e desnudamos nossas gargantas, as cabeças juntas, silenciosamente tentando dizer a ela o que precisávamos. *Por favor, Deusa. Leve-nos. Alimente-se de nós. Mas apenas juntos.*

Ela se inclinou mais perto, sua respiração uma leve tortura em nossas gargantas. “Eu sou feita de criaturas venenosas.

Este pode parecer um corpo normal, mas apenas minha vontade mantém minha forma unida. Olhem para sua Deusa, gêmeos de Lada."

Nossos olhos se abriram imediatamente, embora temêssemos os deixar cair assim que ela visse a verdade de nossa fraqueza em nossos olhos.

Sua cabeça estava alta o suficiente acima da nossa e tivemos que inclinar a cabeça para trás. Se ela não tivesse um corpo normal, como afirmava, era impossível dizer apenas olhando para ela. Sua pele parecia dura, sim, mas lisa e brilhante. Conforme olhávamos, sua pele começou a mudar de cor, escurecendo de um luar pálido para cinza e então a noite mais negra. Uma ilusão? Ou a ilusão estava sendo afastada? Não sabíamos dizer.

"Olhem mais de perto."

Fizemos o que ela pediu, embora tenha parecido incrivelmente rude olhar para o corpo nu de uma Deusa com tanta ousadia. Algo se moveu em sua garganta, chamando nossa atenção. Uma cauda de escorpião se desenrolou de seu pescoço. Um escorpião negro se sacudiu, se soltando de sua posição. Seu exterior revestido era da mesma cor preta brilhante de sua pele.

Não admira que seu alfa tenha mudado para um escorpião. Mas e nós?

A coisa dentro de nós surgiu e torceu em uma dança sinuosa. Não era um escorpião. Tinha que ser algum tipo de

cobra, como as serpentes grossas alinhando o túnel para sua caverna mais interna.

Ela ergueu os braços, torcendo os pulsos em um deslizar elegante. Seus dedos longos e adoráveis. Delicado. Sibilando...

Piscamos e balançamos a cabeça ligeiramente. Não em recusa. Só tentando entender. Como algo tão adorável e feminino poderia ser realmente pequenas cobras. Mas no final de seus dedos, onde deveriam estar suas unhas, pequenas cabeças se ergueram, olhando uma para a outra e depois para nós.

“Esta é uma maneira aceitável de me alimentar de vocês e reivindicá-los como meu?”

As dez pequenas cobras abriram suas bocas, expondo presas surpreendentemente eficazes. O alívio cresceu dentro de nós e assentimos ansiosamente. Sim. Sem dúvida.

Ela moveu as mãos para mais perto de nossas gargantas. Como um, as dez cobras atacaram. Felicidade. Perfurados como um. As cobras presas em nossa carne, se alimentando de nosso sangue. Nos drenando.

Juntos. Finalmente. Juntos

Tentei ser gentil. Mas fazia muito tempo e eles tinham um gosto bom demais para eu me controlar. A fome invadiu meu novo corpo. Cada gota de sangue quente de Aima fazia meu veneno pulsar dentro de mim. Mas, mais ainda, sua sensação esmagadora de admiração e alívio por eu estar disposta a aceitá-los me fez atraí-los para mais perto. Determinada a garantir que nunca mais se sentissem incompletos ou defeituosos.

Bebi até que estivessem moles e atordoados, fracos como gatinhos recém-nascidos. Embora isso não os impedisse de selar a boca no pedaço de veneno que eu lhes ofereci.

A magia cresceu dentro de mim, fluindo como um vasto oceano sem fundo. E me deliciei com o poder crescente enquanto ele fluía por mim. O ar esquentou, o cheiro forte de almíscar enchendo minhas narinas ao invés do cheiro de terra, pedra e serpente. Tantas sensações me inundaram. Calor do corpo contra minha carne. Lábios macios. A respiração ofegante deles. Mesmo os gemidos baixos e guturais de dor quando meu veneno os matou.

Eles não hesitaram, mesmo sabendo do custo.

Eu derramei um pouco dessa magia neles e esperei que os presentes da Mãe fossem revelados.

Escamas ondulavam em sua pele enquanto seus corpos inchavam e se alongavam em enormes serpentes musculosas. A alta coroa de espinhos de cristal reluzente e fileiras de dentes

de crocodilo ferozes marcavam os dois como basiliscos[2]. Seus olhos brilhavam como arco-íris iridescentes em vidro de obsidiana - com o poder de matar.

Eles se enroscaram em torno de mim e um do outro, até que seus corpos começaram a se fundir. Assim como minhas cobras e escorpiões se uniram para formar meu corpo, os deles também começaram a se misturar em um único basilisco grosso e poderoso - que por acaso tinha duas cabeças gloriosas. Lágrimas de sangue escorreram de meus olhos.

Obrigada, mãe, por me permitir torná-los finalmente inteiros.

Acariciei a cabeça mais próxima, mas olhei para o meu escorpião, o primeiro homem que veio até mim. Assim que ele sentiu minha atenção, ele mudou de volta para sua forma humana.

Eu amava todas as coisas monstruosas. Quanto mais feio - e mortal - melhor. Ele estava longe de ser feio, mesmo para os padrões humanos. Alto e orgulhoso, com ombros largos e coxas grossas de tronco de árvore, ele poderia ter servido na corte de qualquer Rainha. Depois de dormir tanto tempo, eu não tinha noção do tempo, mas senti o peso de sua presença. Como se fosse bastante velho, mesmo para um Aima. Certamente nem de longe tão velho quanto eu, mas ele viu muitos séculos em sua vida.

---

2 

No entanto, ele nunca tinha servido à linhagem de uma Rainha antes. Com meu veneno queimando em suas veias, ele não tinha segredos para mim, mesmo que ele deliberadamente tentasse se esconder. Embora ele fosse muito orgulhoso e honrado para sequer pensar em esconder qualquer coisa de mim. Nenhuma Rainha própria. Desespero sem fim. Mesmo entre sua espécie, ele sempre esteve sozinho.

Uma ilha perdida em um oceano escuro, longe da costa. Como os gêmeos, ele havia desistido de toda esperança de servir como Sangue. De pertencer verdadeiramente a qualquer lugar que não seja o campo de batalha. Ele serviu em todos os principais conflitos nesta terra desde a queda de Roma. Séculos de batalha. Não é surpreendente, dada a sua linhagem. Eu provei o sangue de Bellona, a Deusa da guerra, em suas veias.

“Não sou uma Rainha comum,” sussurrei baixinho, observando seu rosto e ouvindo seus pensamentos mais íntimos.

“Não sou digno de servir, Grande.”

Eu ri, balançando minha cabeça. “Ísis, Aquela Que É, Foi e Sempre Será, é minha irmã a serviço de Gaia. Você esqueceu Hekate depois de tanto tempo?”

“Nunca. Perdoe-me, Mãe do Veneno, mas eu não sabia que as Deusas ainda andavam pela terra em carne. Achei que tínhamos perdido todas as Filhas de Gaia há muito tempo.”

“Você pode me chamar de Hekate. Nunca me importei com rituais e formalidades rígidas envoltas em títulos e pompa.” Eu

não pude deixar de rir de novo ao ver o olhar de horror abjeto em seu rosto com a ideia de me chamar pelo nome. “Venha agora, Quintus. Certamente você não espera me chamar de Deusa, Filha de Gaia, Mãe do Veneno, enquanto estiver dentro de mim?”

05
QUINTUS

Eu engoli em seco. Horrorizado. E ainda...

Senti o gosto do veneno dela na boca.

Eu tinha provado uma Deusa.

Eu havia bebido da fonte da vida, apenas um passo distante da própria Mãe Terra. Algo com que eu nunca havia sonhado. Nenhum guerreiro Aima tinha por gerações. Nós, Aima, estávamos agora tão distantes da Mãe que nossas Rainhas não podiam mais conceber herdeiros. Éramos uma raça em extinção. O mundo não tinha outro uso para nós além de matar.

Evidentemente, essa Deusa ainda tinha uso para mim.

Eu tinha morrido em seus braços, mas ainda me lembrava de suas palavras. Ela desejava gerar um herdeiro nesta mesma noite.

Uma Deusa queria que eu lhe desse uma Rainha.

Meu pau não era a única coisa em posição de sentido. Cada cabelo do meu corpo estremeceu com o poder fluindo dela. O ar estava espesso e pesado com sua magia. Os gêmeos que ela chamou se enrolaram em torno dela, ainda em sua nova forma de duas cabeças, mas as outras cobras e escorpiões haviam se retirado.

Muitas emoções passaram por mim. Exultação por finalmente ter sido chamado para ser Sangue, nada menos que uma Deusa. Terror por não ter atendido a expectativas tão estimadas. Temor pela besta em que eu agora poderia me transformar. Uma força incrível zumbia em minhas veias, uma alegria viciosa com a ideia de cortar os inimigos com minhas pinças enormes ou apunhalá-los com minha cauda para que eu pudesse vê-los morrer de forma lenta e agonizante.

Mas acima de tudo, uma sede desesperada. Eu queimei por mais. Mais do sangue da minha Deusa Rainha. Ou veneno. Melhor ainda, ambos. Não me mataria desta vez, e eu ansiava por aquela sensação amarga e requintada de veneno fluindo pelos meus sentidos.

Fiz tudo o que pude fazer para não me enfiar nas espirais de seus basiliscos para abrir espaço entre suas coxas para que eu pudesse festejar à vontade. Ofegante, afastei meu olhar, me forçando a focar em nosso entorno.

Estávamos em algum tipo de câmara que parecia ter sido esculpida em obsidiana. As paredes cintilavam, refletindo o brilho suave de fios de luz pendurados. Eu podia sentir o peso de toneladas de terra acima de nós, mas era surpreendentemente brilhante nesta câmara subterrânea, fornecendo bastante luz para olhar para a Deusa que me chamou.

Na presença dela, não pude deixar de a olhar. Cada célula do meu corpo ressoou com a consciência dela, queimando para agradá-la. Protege-la. Ajuda-la em qualquer coisa que ela desejasse. Mas que uso uma Deusa poderia ter para um velho soldado romano?

Ela me encarou de volta, seus olhos escuros, poços sem fundo. Seu corpo era exuberante e arredondado, com quadris cheios e seios gloriosos, mas ela estava longe de ser macia. Lembrei-me da sensação dela sob meus lábios e mãos. Ela não tinha pele. Não exatamente. Ela não tinha um corpo de carne e osso. Eu tinha visto seus dedos de cobra se alimentando dos gêmeos.

Ela era a Deusa encarnada. Ela provavelmente poderia fazer uma criança do nada e do luar. Ela não precisava de esperma e suor mundanos para fazer uma herdeira.

Soltando um suspiro gutural que fez meu coração disparar, ela reclinou-se em seus basiliscos. “Oh, mas eu quero, querido. Eu quero muito o esperma e o suor. Embora eu certamente pudesse despertar uma Rainha ao luar, não é tão prazeroso quanto ter um homem dentro de mim.”

Em um piscar de olhos, eu estava em cima dela, embora não me lembrasse de ter dado um passo. Seu cheiro me deixou louco. Almíscar terroso misturado com o cheiro de pura magia iluminada pela lua. Cintilante e ainda pesado e quente, indo direto para a minha cabeça como se eu tivesse engolido um barril inteiro de ambrosia.

Mal, eu tive o bom senso apenas o suficiente para tentar me afastar por um momento. Nenhuma mulher queria que um homem simplesmente caísse sobre ela e a fodesse antes de se certificar de que ela estava completamente satisfeita primeiro. Muito menos uma Rainha.

Muito parecida com a Deusa das cobras, ela me envolveu, puxando-me para mais perto como a maré incessante. Tive um

momento de clareza, meu olhar travou no dela, e então eu estava caindo em seus olhos, caindo de cabeça para baixo. Voando cada vez mais rápido. Eu afundei ao máximo dentro dela e estremeci, lutando contra a onda instantânea de luxúria enlouquecida. Uma Deusa. Eu tive que me lembrar. Para honrá-la. Não no cio como uma besta sem mente.

Ainda caindo em seus olhos pretos e brilhantes, eu engasguei e estremeci novamente. Nunca tive problemas para me controlar antes. Mas eu nunca tinha fodido uma Deusa também.

Suas presas arranharam o lóbulo da minha orelha, um aviso afiado que ajudou a cortar as marés que me sugavam para baixo. E me concentrei em meu corpo, lutando para lembrar quem eu era. Cada terminação nervosa da minha pele zumbia com energia. O tempo pareceu diminuir. Eu tive uma eternidade para pensar entre as batidas do meu coração.

Seu cabelo flutuou sobre sua cabeça, deslizando sobre meu rosto e ombros como se tivesse vontade própria. Suave como seda de aranha e ébano puro, brilhando como tinta derramada. Talvez uma aranha tenha lhe dado sua teia para coroar sua cabeça. Depois do que vi esta noite, tudo era possível.

Ela se flexionou embaixo de mim em um movimento sinuoso que me virou de costas antes que eu pudesse piscar. “Isso é melhor. Agora me lembre por que fui uma tola em dormir por tanto tempo, quando poderia ter você dentro de mim.”

Balançando acima de mim, ela se movia como uma cobra, e eu estava tão hipnotizado quanto uma presa mantida cativa em sua dança sedutora. Ela se contorceu e se moveu,

apertando-me com tanta força que eu não conseguia respirar. Eu não queria respirar. Nada importava além de dar a ela o que ela queria. Ficar duro o maior tempo possível. Dando a ela a última gota do meu sangue. Porra. Suor. O que ela precisasse.

"Siiiim," ela sussurrou contra meus lábios. "Você, Quintus Bellonae, agora é o pai da primeira Rainha Titanes em mais de quatro mil anos."

Meu pau explodiu. Na verdade, parecia que todo o meu corpo jorrou dentro dela. Ela me bebeu, torcendo até a última gota do meu corpo. Se uma horda de bárbaros descesse de repente nesta caverna, eu não poderia ter levantado um dedo para protegê-la.

Ela deu um beijo carinhoso na minha testa, seus lábios surpreendentemente macios. "Você nunca estará sozinho novamente, Quintus. Abaixe sua espada e descanse agora, seguro em meus braços."

Meu queixo tremia, meus olhos úmidos. Certamente não com lágrimas. Não eu, o soldado romano imortal.

Com um último beijo carinhoso, ela rolou de costas em cima de mim, sua cabeça jogada para trás ao lado da minha. "Agora, meus gêmeos, concluam o que meu alfa começou. Três linhagens antigas se misturando dentro de mim. Minha herdeira carregará todos vocês."

Passei meus braços em volta dela, acariciando meu rosto em seu cabelo sedoso. Através de seu vínculo que brilhava dentro de mim, eu sabia os nomes dos outros dois Sangues.

Drazhan e Dalibor da Casa Lada. Certamente uma linhagem antiga e renomada que eu imaginei ter desaparecido desta terra antes que o Chamado tivesse me atingido.

Eles não falaram. Mas com o novo vínculo de Sangue forjado dentro de cada um de nós, eu sabia que seus pensamentos eram meus. Puro terror rasgou nossas amarras. Eles não podiam agir de forma independente. Eles precisavam se mover juntos, ao mesmo tempo. Portanto, a dupla penetração não seria possível. Eles não poderiam trabalhar em conjunto. Eles devem trabalhar em *uníssono*.

Sentando-me com nossa Deusa em meus braços, apoiei suas costas contra meu peito. Ainda melhor do que eu, ela sabia exatamente o que eles precisavam. Ela não hesitou ou questionou suas limitações, mas simplesmente colocou as mãos em volta de seus pênis. Seus dedos permaneceram dedos desta vez, pelo menos. Embora eu não ache que eles teriam se oposto se ela tivesse enrolado cobras em volta deles.

Eles sugaram um forte suspiro exatamente da mesma maneira, quadris arqueando-se impotentemente em sua carícia. Eu não tive que ver seu rosto para sentir o pequeno sorriso sábio em seus lábios enquanto ela se inclinava lentamente para mais perto, deixando sua respiração fluir sobre sua carne tensa.

“Eu me pergunto o que vai acontecer se eu colocar um de vocês em minha boca? Vocês dois sentirão isso?”

‘*Perdoe-nos, Deusa, mas assim que seus lábios nos tocarem, estaremos acabados.*’

“Bom,” ela disse a palavra em um suspiro suave enquanto fechava a boca sobre um deles.

Eu não tinha certeza de qual. Não conseguia distingui-los. Eles não estavam separados ou diferentes, pelo menos no vínculo. Eles estremeceram, um som cru como seda rasgando ecoando na câmara. Suas cabeças caíram para trás, pescoços e ombros tensos quando chegaram ao clímax.

Com sua boca travada sobre seu pênis, ela o drenou tão certo quanto havia se alimentado antes. O esperma do outro homem respingou em seus seios, embora ela rapidamente tenha absorvido cada gota através de sua pele. O meu também, porque sim, eu cheguei ao clímax novamente, incapaz de segurar enquanto seu prazer inundava meus sentidos.

Com um suspiro de satisfação, ela puxou os gêmeos conosco para que todos ficássemos emaranhados em uma pilha exausta, mas eu não conseguia dormir. Eu não queria dormir de novo. Não enquanto eu finalmente tivesse uma razão para viver.

Ela se virou de lado, o rosto contra minha garganta. Seu vínculo serpenteava dentro de mim, um túnel escuro e venenoso que permaneceu aberto para o eu mais íntimo da Deusa. Humilhado com reverência, afundei mais fundo nela, observando enquanto sua magia fundia três linhagens de Aima com os venenos mais mortais do mundo.

Uma pontada de luz brilhante das estrelas queimou em seu estômago. Brilhante demais para se olhar, ela cresceu lentamente, girando como uma galáxia girando. Hekate alimentou um fio de poder na luz rodopiante e começou a sugar

toda a magia que havíamos lançado através do sangue e do sexo. O ar zumbiu, formigando na minha pele enquanto o redemoinho crescia em força.

O fio fluindo para a bola giratória ficou mais pesado. Mais forte. Um rio. Uma torrente maior que o mar bravo. Cada vez mais brilhante, até que tive que desviar minha atenção, os olhos lacrimejando de dor. Minhas orelhas estouraram, assustando-me o suficiente para que me sacudisse ligeiramente, empurrando nossa pilha emaranhada.

“Shhh,” sussurrou Hekate. “Você vai acordá-la.”

Inclinei-me para que pudesse ver o comprimento de seu corpo. Um bebê estava deitado de bruços. Não tinha experiência com crianças, mas ela - definitivamente uma filha - parecia ter algumas semanas de idade, não recém-nascida. Sua pele brilhava como ébano polido. Como o meu.

Erguendo-me o mais suavemente possível, aninhei a Deusa e a criança em meus braços, incapaz de parar de olhar para o bebê. Uma Rainha, uma herdeira de sua linhagem.

As Rainhas Aima não eram capazes de criar herdeiros há séculos. No entanto, em uma noite feliz, Hekate fez o impossível.

A criança abriu os olhos, revelando um impossível índigo brilhante. A cor do céu noturno assim que o sol se escondia no horizonte.

O vínculo dos gêmeos ecoou com reverência. ‘*Ela é linda. Ela tem nossos olhos*’

“De fato,” sussurrou Hekate, acariciando a bochecha do bebê com um dedo. “Belladonna Titanes, tão bonita - e venenosa - quanto seu nome. Ela herdou todos os meus dons. Todas as minhas criaturas venenosas. Vocês vão me ajudar a protegê-la?”

Não precisei olhar para os outros dois homens para saber sua resposta. Nós três Sangues apertamos nossas garras em nossa Rainha. Nossa Deusa. E nossa filha.

“Sem dúvidas, Deusa.”